



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELENILDA SILVA DE ALMEIDA

**LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS RURAIS,
AVEIRO-PA**

ITAITUBA/PA

2018

ELENILDA SILVA DE ALMEIDA

**LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS RURAIS,
AVEIRO-PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena
em Pedagogia.

Orientadora:

Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

ITAITUBA/PA

2018

ALMEIDA, Elenilda Silva de.

LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS RURAIS, AVEIRO-PA / Elenilda Silva de Almeida - Itaituba: CLPP da FAI, 2018.

60 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2018.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS RURAIS, AVEIRO-PA.

ELENILDA SILVA DE ALMEIDA

**LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS RURAIS,
AVEIRO-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Orientadora: _____ Nota: _____

Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliadora: _____ Nota: _____

Profª Esp. Margareth Ferreira Aguiar

Resultado: _____ Média: _____

Data: 17 de Fevereiro de 2017.

Em especial, aos meus familiares que sempre me ajudaram nas horas em que mais precisei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades

A Faculdade de Itaituba, seu corpo docente, administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte de esperanças.

A minha orientadora Prof^a Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

À banca examinadora, em especial, ao Prof^o Dr. Francisco Cláudio pela paciência e aconselhamentos.

Aos meus familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional e a minha sogra e cunhada, por me acolherem em sua casa durante esse curso.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

A todos os colaboradores das escolas pesquisadas.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede” (Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo conhecer a prática dos professores no processo de alfabetização e letramento em turmas multisseriadas, e identificar os desafios que se apresentam no cotidiano escolar. Como procedimento metodológico foi realizada uma pesquisa bibliográfica dos autores que tratam da temática, como: Soares (1998, 2003, 2005); Ferreiro e Teberosky (1985); Weiz (2000); Brito (2007); Geperuaz (2005); Hage (2005), PNAIC (BRASIL, 2012). E de acordo com os objetivos dessa investigação foram escolhidas duas escolas públicas de ensino fundamental, localizada na área rural do município de Aveiro/PA, em que se entrevistou três professores que atuam em turmas multisseriadas de cada uma das duas escolas. Por fim, este estudo refletiu sobre a prática do letramento com turmas de multissérie, a qual requer um empenho particular e dedicação, geralmente os professores são de outras localidades, os quais não dão muita ênfase na cultura local. As metodologias mais utilizadas pelos professores entrevistados para trabalhar o letramento nas turmas multisseriadas são livros de literatura infantil, jogos educativos, leitura em sala de aula, construção de textos e outras estratégias como atividades diferenciadas com músicas e dramatização. Um dos maiores desafios dos professores das escolas do campo está em trabalhar o processo de alfabetização e letramento em classes multisseriadas. E ainda outros desafios são presentes, como a falta de apoio das famílias, o pouco tempo disponível para atender os alunos de séries diferentes e a ausência de livros didáticos.

Palavras-chaves: Alfabetização. Letramento. Classes multisseriadas.

ABSTRACT

This study aimed to know the practice of teachers in the process of literacy and literacy in multi - series classes, and to identify the challenges that are present in school everyday. As a methodological procedure, a bibliographical research was carried out of the authors that deal with the theme, such as: Soares (1998, 2003, 2005); Ferreiro and Teberosky (1985); Weiz (2000); Brito (2007); Geperuaz (2005); Hage (2005), PNAIC (BRAZIL, 2012). According to the objectives of this research, two public elementary schools were chosen, located in the rural area of the municipality of Aveiro / PA, where three teachers were interviewed, who work in multi-series classes at each of the two schools. Finally, this study reflected on the practice of literacy with multiseries classes, which requires a particular commitment and dedication, generally the teachers are from other localities, who do not give much emphasis to the local culture. The most used methodologies used by teachers interviewed to work with literacy in multi-series classes are children's literature books, educational games, reading in the classroom, text construction and other strategies such as differentiated activities with songs and dramatization. One of the greatest challenges for teachers in rural schools is to work on the process of literacy and literacy in multisite classes. And yet other challenges are present, such as the lack of support from families, the limited time available to attend to students from different grades and the absence of textbooks.

Key Words: Literacy. Literature. Multi-Serial Classes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Frente da Escola Vista Alegre	39
Figura 2. Acadêmica em frente à escola Vista Alegre.....	41
Figura 3. Frente da Escola Nossa Senhora de Fátima.....	42
Figura 4. Funcionários e Acadêmica na Escola Nossa Senhora de Fátima.....	43
Figura 5. Transporte escolar das escolas pesquisadas.....	44
Quadro 1. Opinião sobre a classe multisseriada.....	44
Quadro 2. Como você conceitua letramento?.....	46
Quadro 3. Apenas conhecer letras e sílabas, é suficiente para formar alunos letrados?.....	48
Gráfico 1. Dificuldade em trabalhar o letramento com turmas multisseriadas.....	49
Figura 6. Docência na Escola Vista Alegre.....	50
Figura 7. Docência na Escola N. S. de Fátima.....	50
Quadro 4. Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita dos alunos?.....	50
Quadro 5. Quais os recursos e estratégias mais utilizados?.....	51
Figura 8. Leitura individual - Escola Vista Alegre.....	52
Figura 9. Leitura em voz alta - E. N. S. de Fátima.....	52
Gráfico 3. Você participa dos cursos/capacitação para o letramento?.....	53
Quadro 6. As formações têm contribuído para melhorar a sua prática?.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: OS DESAFIOS ATUAIS	11
1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O QUE DIZER?.....	11
1.2 METODOLOGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	15
1.3 O PNAIC E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	21
2 A PRÁTICA DO LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS	27
2.1 CLASSE MULTISSERIADA: ASPECTOS HISTÓRICOS.....	27
2.2 LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSÉRIES: PRÁTICA DOCENTE.....	30
2.3 DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	33
3 LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS RURAIS, AVEIRO/PA	38
3.1 METODOLOGIAS DA PESQUISA.....	38
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	38
3.3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	39
3.4 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
BIBLIOGRAFIA	57
APÊNDICES	59

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema o letramento nas classes multisseriadas fazendo uma análise das práticas dos professores em duas escolas rurais do município de Aveiro-PA. Há necessidade de buscar conhecimentos sobre as práticas dos professores que atuam em classes multisséries, mostrando os desafios que os mesmos enfrentam em relação ao processo ensino e aprendizagem por conta dos desafios que se apresentam, como: ambiente inadequado, a falta de melhor preparação dos professores, a precária infraestrutura das escolas e as necessidades de mais recursos didáticos especificam para este público.

Desse modo, este estudo teve como objetivo conhecer a prática dos professores no processo de alfabetização e letramento em turmas multisseriadas, e identificar os desafios que se apresentam no cotidiano escolar. Essa pesquisa pautou-se nos seguintes questionamentos: Como acontece o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita nas classes multisséries? Quais as metodologias mais utilizadas pelos professores para trabalhar o letramento nas turmas multisseriadas? Quais os desafios dos professores no letramento dos alunos nas classes multisseriadas?

Como procedimento metodológico foi realizada uma pesquisa bibliográfica, Pesquisa bibliográfica dos autores que tratam da temática, como: Soares (1998, 2003, 2005); Ferreira e Teberosky (1985); Weiz (2000); Brito (2007); Geperuaz (2005); Hage (2005), PNAIC (BRASIL, 2012). E de acordo com os objetivos dessa investigação foram escolhidas duas escolas públicas de ensino fundamental, localizada na área rural do município de Aveiro/PA. Para tanto serão entrevistados três professores que atuam nos anos iniciais (em turmas multisseriadas) de cada uma das duas escolas eleitas para a pesquisa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três capítulos, o primeiro fará uma abordagem sobre alfabetização e letramento: os desafios atuais. O segundo mostrará a prática do letramento nas classes multisseriadas. E terceiro será feito a análise das entrevistas realizadas com os professores de duas escolas rurais, Aveiro/PA. Espera-se que o trabalho científico possa trazer contribuições à prática dos professores no processo de alfabetização e letramento de forma a facilitar o processo ensino e aprendizagem de seus alunos.

1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: OS DESAFIOS ATUAIS

1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O QUE DIZER?

As discussões acadêmicas e científicas no que se refere ao processo de aquisição da língua escrita tem dado ênfase atualmente ao termo letramento. A expressão refere-se a versão para o português da palavra da língua inglesa *literacy*. Conforme Magda Soares (2001) *apud* Garcia, Silva e Felício (2012, p. 129), etimologicamente a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), e acrescida do sufixo *cy*, que significa qualidade, condição estado, fato de ser. Assim, *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Desse modo, Soares (2001) *apud* Barbato (2008, p. 15) ressalta estar evidente a esse conceito a ideia de que a escrita reflete consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la.

O termo letramento é recente em nosso país, chegando aqui por volta de 1986, trazido pelos estudos da pesquisadora Mary Kato e tornou-se tema de discussão entre pesquisadores e profissionais da educação. Soares (2006, p. 18) define os conceitos de Letramento e Alfabetização.

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar e aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. Já alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam.

A autora pontua que, alfabetizado é aquele indivíduo que se apropriou da capacidade de ler, escrever e compreender textos; e letrado trata-se daquele que além dessa capacidade, consegue utilizá-la em situações reais do seu cotidiano.

Dessa forma, é necessário compreender a diferença entre os dois conceitos e que cada um possui suas peculiaridades, não devendo confundir a função e o significado de cada um, todavia, é de extrema importância que se realize uma alfabetização articulada com o letrar, pois é impossível na sociedade atual permitir que os alunos sejam privados do letramento, e não existe maneira melhor de apresentá-lo do que associado ao alfabetizar.

Ainda para Soares (2004) *apud* Barbato (2008, p. 23) o termo letramento surge a partir das novas relações estabelecidas com as práticas de leitura e escrita na sociedade, ao passo que não basta apenas saber ler e escrever, mas que as funções da leitura e a escrita assumem em decorrência das novas exigências impostas pela cultura letrada.

É importante frisar que só recentemente o termo letramento foi introduzido nos discursos educacionais, impulsionado pela necessidade de expressar que não basta apenas saber ler e escrever, mas que é imprescindível, no contexto atual, saber fazer uso do ler e do escrever.

A leitura da palavra sempre precedida da leitura de mundo. E aprender a ler e a escrever é antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula a linguagem e realidade. A demais aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1996, p. 08).

Nesse sentido, estar alfabetizado não se reduz ao domínio das primeiras letras, envolve também utilizar a língua escrita nas situações em que esta é necessária, lendo e produzindo textos. É para essa dimensão da entrada no mundo da escrita que aparece a palavra letramento, assim, pode-se afirmar que ela designa um conjunto de conhecimentos, atitudes, capacidades, imprescindível para usar a língua em práticas sociais. Conforme Ferreiro e Teberosky (1985, p. 21),

A alfabetização ocorre pela apropriação do sistema da escrita alfabética (SEA), por meio da atividade do aprendiz. Porém, não basta que o sujeito o domine esta tecnologia. A alfabetização na perspectiva do letramento inclui uma segunda dimensão e da inserção do aprendiz nas práticas de leitura e escrita. Tal dimensão é que pode garantir que as crianças, os jovens e adultos do campo consiga fazer uso real da leitura e da escrita em seu cotidiano, nas diferentes situações políticas e sociais.

No entanto, o conceito de Alfabetização por muito tempo ficou preso à ideia de que para aprender a ler era necessário, apenas a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e de que para aprender a escrever era necessário apenas desenvolver a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos.

Soares (2006) discute os termos alfabetização e letramento e afirma que para entrar e viver nesse mundo do conhecimento, o aprendiz necessita de dois

passaportes: o domínio da tecnologia de escrita (o sistema alfabético e ortográfico), que se obtém por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competência de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento.

Sobre esse respeito Freire (1991) *apud* Maciel e Lúcio (2009, p. 15) revela: “não basta saber ler Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. Dessa forma, o autor chama a atenção para o fato de que não basta simplesmente dominar a escrita como um instrumento tecnológico, sendo necessário considerar as possíveis consequências políticas da inserção do aprendizado no mundo da escrita.

A partir da década de 1980, várias teorias mostram que o aprendizado da escrita não se reduziria ao domínio de correspondência entre grafemas e fonemas, mas se caracterizaria como um processo ativo, por meio do qual, desde os primeiros contatos com a escrita, a criança constituiria e reconstruiria a hipótese sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita como um sistema de representação.

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem aos sofrimentos habituais. (CAGLIARI, 1998, p. 36).

Nesse sentido, o processo de letramento entra em cena e amplia a visão de Alfabetização, chamando a atenção não apenas para domínio da prática de ler e escrever, mas também para os usos dessas habilidades em práticas sociais em que ler e escrever é necessário. Soares (2006, p. 37) define letramento como “resultado da ação de ensinar e apreender as práticas sociais de leituras e escritas; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”.

Trata-se, portanto, de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com diferentes manifestações de escritas na sociedade, e se prolonga por toda a vida, com crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. “Alfabetização e letramento são processos diferentes,

cada um com suas especificidades. Porém, ambos são indispensáveis quando se leva em consideração a aprendizagem da leitura e da escrita”. (SOARES, 2006, p. 50).

Soares (1998, p. 47) pontua que, a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: “a alfabetização desenvolve-se no contexto da aprendizagem das relações fonema e grafema, isto é, em dependência da alfabetização”. Indispensáveis para se garantir a inserção e a participação efetiva nas sociedades letradas, a alfabetização e o letramento são, portanto processos diferentes, mas complementares e inseparáveis. Isto é, letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

É importante afirmar que a palavra letramento ainda é, em muitas situações desconhecidas e muitas vezes mal entendida, ou ainda não totalmente compreendida pela maioria das pessoas, algumas vezes que o termo apareceu na Língua Portuguesa e foi introduzida no campo educacional há pouco tempo. No que diz a respeito ao conceito de letramento é necessário destacar que o indivíduo letrado refere-se não só aquele que possui condições de ler e escrever, mas aquele capaz de usar socialmente a leitura e a escrita, isto é aquele que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

Letramento tem sido palavra que designa ora as práticas sociais de leitura e escrita, ora os eventos relacionados com uso da escrita, ora os efeitos da escrita sobre uma sociedade ou sobre grupos sociais ora o estado ou condição em que vivem os indivíduos ou grupos sociais capazes de exercer as práticas de leitura e escrita (SOARES, 2002, p.16).

Nesse sentido, sabe-se que uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, ou seja, saber ler e escrever, mas não exercer práticas de leitura e de escrita, contudo, é fundamental que se incorpore a prática da leitura e da escrita às práticas sociais do uso da língua. Entende-se, portanto, que alfabetizar e letrar é desenvolver ações significativas de aprendizagem sobre a língua, de modo a proporcionar situações onde a criança possa interagir com a escrita a partir de usos reais expressos nas diferentes situações comunicativas, sendo este algo possível desde a educação infantil. E isto implica levar para a sala de aula uma diversidade

textual que possibilite às crianças refletirem sobre a língua que se escreve a norma culta ou padrão.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades pela leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral por meio do processo de escolarização e, portanto da instrução formal. A alfabetização pertence assim, ao âmbito individual. (TFOUNI, 1998, p. 09).

Portanto, a questão relacionada ao processo de alfabetização e letramento são processos indissociáveis que devem caminhar juntos, sendo que alfabetizado é aquele aluno que conhece o código escrito, sabe ler e escrever. Desse modo, letramento, designa a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita em contextos reais de uso. Inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada em diversas situações sociais.

1.2 METODOLOGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Atualmente, estamos vivendo em uma sociedade em que as crianças chegam à instituição escolar com diversos tipos de conhecimentos em relação à cultura letrada. É importante que o educador faça o uso da leitura e da escrita, utilizando diversos portadores de textos, que contenham diferentes gêneros textuais, como leitura de anúncios, revistas, jornais, realizações de bilhetes, cartas, para que assim a criança possa se interagir ao mundo letrado, logo no início de sua trajetória escolar.

A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento, seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários, entre outros, são os modelos que se podem oferecer as crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever. (BRASIL, 1998, p. 151-152).

É de fundamental importância à família também contribuir com as práticas de leitura e de escrita, incentivando o exercício das crianças em casa, para que ao chegarem à escola, possam desenvolver o trabalho com mais facilidade, recebendo

logo no início da aprendizagem o gosto pela leitura e pela escrita. É importante que as crianças se interajam com os adultos alfabetizados, com a leitura e a produção de textos, mesmo antes de estarem alfabetizados convencionalmente.

Crianças cujos pais leem regularmente e exploram com elas os textos narrativos, não só aprendem a ler com mais facilidade como se revelaram bons escritores no término de sua trajetória escolar. Ler e escrever textos significativos, onde o educador possa criar um ambiente letrado, considerando o conhecimento prévio, embora pequenas, as crianças levam para a escola o conhecimento que advém da vida.

Essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2006, p. 69).

O trabalho com textos na alfabetização é necessário para enfocar os dois aspectos da aprendizagem da língua escrita, assim o aluno alfabetizado e letrado tem possibilidade de utilizar a escrita nas diferentes situações do cotidiano. Participar de práticas sociais de leitura e escrita é importante não só para o processo de alfabetização, mas também para a apropriação da língua escrita em situações reais de uso, desse modo, a alfabetização na perspectiva do letramento deve evidenciar a importância do trabalho com os diversos gêneros textuais, com base nos diferentes suportes de leitura.

Faz-se necessário, portanto, uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento desses aspectos envolvidos na aprendizagem da leitura e escrita desde o início da escolaridade, tendo em vista proporcionar ao aluno a formas de utilização da escrita para diferentes finalidades.

A partir das situações de letramento presentes em seu cotidiano, uma vez que os textos apresentam situações comunicativas diferenciadas, é possível o aluno compreender que a estrutura e a organização dos textos estão relacionadas a diferentes funções que exercem nas práticas cotidianas da realidade, ou seja, uma carta, uma receita culinária, uma bula, um anúncio de jornal, um bilhete, um folheto informativo, dentre outros suportes textuais.

De acordo com Soares (1999, p. 69), “Além de aperfeiçoar as habilidades já adquiridas de produção de diferentes gêneros de textos orais, leva à aquisição e ao desenvolvimento das habilidades de produção de textos escritos, de diferentes gêneros”. Dessa forma, aprender a ler e escrever envolve a apropriação do sistema alfabético e ortográfico e o desenvolvimento das habilidades textuais, ou seja, a produção de textos observando os elementos discursivos, conforme a tipologia textual, de modo a perceber que cada gênero tem uma forma diferente quanto à estrutura e organização.

Cabe ao educador desenvolver neste conceito práticas significativas de desenvolvimento para o aluno acerca do funcionamento e utilização desse ensino, seu papel é intervir de forma a tornar mais efetiva esta reflexão, através de uma profunda imersão das crianças nas práticas sociais de leitura e escrita, só a partir da descoberta do princípio alfabético e das convenções ortográficas formamos um leitor e escritor autônomo.

Com o advento da sociedade do conhecimento, as constantes mudanças no campo educacional exigem dos educadores a busca contínua de inovações, visando a melhoria de suas práticas pedagógicas. Este processo implica reelaborações de conhecimentos, concebendo o professor como um ser que interage com o saber, sendo a escola um espaço permanente de produção de conhecimento. É preciso, portanto, desenvolver práticas sociais de leitura e escrita, a partir de seus diferentes usos e funções requeridos pela sociedade, de modo a compreender o letramento enquanto um novo conceito de compreensão acerca da função social da escrita.

Segundo Weisz (2000, p. 62), ao ensinar a língua escrita em contextos letrados, “a função do professor é observar a ação das crianças, acolher ou problematizar suas produções, intervindo sempre que achar que pode fazer a reflexão dos alunos sobre a escrita avançar”. Em atividades de produção coletiva de textos, o educador deve atuar como escriba, propor a reescrita da história pelas crianças, assim é possível refletir sobre o que as crianças escrevem e como se escreve.

Ao ouvir e produzir histórias, como diz Brito (2007, p. 36), a criança vai construindo “o seu conhecimento da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas a produzir ou a interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos linguísticos”. O fazer diferenciado da

alfabetização na perspectiva do letramento exige do professor alfabetizador conhecimentos específicos acerca da natureza da aquisição da leitura e da escrita, a fim de que possa compreender a dinâmica do processo de aprender pelo aluno com vistas à sistematização do código escrito.

As reflexões acerca da alfabetização e do letramento nos revelam a necessidade da vinculação dos dois termos na prática pedagógica alfabetizadora, de modo que o trabalho pedagógico desenvolvido na escola contemple uma proposta de “alfabetizar letrando”, onde o ensino e a aprendizagem do código estejam associados pelas práticas sociais de utilização da escrita. Contudo, em uma sociedade letrada, não basta apenas aprender ler e escrever, é preciso praticar socialmente a leitura e a escrita, compreendendo as finalidades entre os diversos contextos de letramento.

Alfabetizar letrando não constitui um novo método de alfabetização. Consiste na utilização de textos variados no ambiente escolar, melhorando assim a prática de somente alfabetizar, sendo essa uma perspectiva pedagógica com metodologias relacionadas à aquisição da leitura e da escrita.

Para trabalhar o processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais é necessário que o professor esteja preparado para trabalhar com diferentes metodologias, pelo fato de que as crianças são curiosas e se envolvem com entusiasmo. Mas há momentos em que as mesmas desafiam a explorar os mais diferentes tipos de materiais de leitura, através do manusear livros, jornais e revistas; a ouvir leitura de contos, poemas crônicas, reportagens, cartaz folhetos, revistas em quadrinhos e brincar de ler e de escrever.

Diferenciar a atividade de desenhar da atividade de escrever é importante porque a escrita, para as crianças pequenas, recupera o que se pode desenhar nome do objeto desenhado (hipótese do nome). Esta ideia também lhes serve para interpretar os textos que aparecem acompanhados de imagens. A escrita por si mesma não é suficiente para garantir o significado e por isso, as crianças costumam desenhar antes de escrever. A imagem, por um lado, é a que permite interpretar a escrita pelo menos como uma tentativa. (FERREIRO, 1985, p. 49).

O trabalho como reconto de histórias, faz com que a criança descreva os personagens, cenários, acontecimentos, já sendo uma prática de escrita, mesmo que ainda de maneira não convencional. A brincadeira também faz parte do processo de alfabetização e letramento, por isso, a reprodução de poemas, trava-

línguas, parlendas, adivinhas, quadrinhas, canções, além do trabalho com os cantos temáticos, uma vez que, quando a criança brinca e se apropria de um determinado personagem, acaba se apropriando daquela linguagem, fazendo com que a brincadeira crie importantes aspectos de linguagem.

Nesse contexto, a organização do ambiente da sala de aula também pode facilitar a convivência da criança com o texto. Uma biblioteca ou uma caixa com livros de histórias, um baú com coleções de jogos de leitura, coleções de textos, jornais e revistas embalagens e rótulos diversos podem constituir rica matéria-prima para uma oficina pedagógica em que o professor e os alunos trabalhem, brinquem e construam juntos seus conceitos recriando e reproduzindo ideias escritas.

Ajudar a criança aprender a ler e escrever é deixá-la vivenciar as situações da leitura e escrita. É, pois, criar na escola um espaço para que ela possa brincar, livremente, de ler e escrever: brincar de escolinha, ora fazendo o papel do professor, ora o papel do aluno; escrever e ler espontaneamente suas histórias, seus textos, trocando ideias com seus colegas (GOODMAN, 1995, p. 140).

Também é importante que o professor oportunize o contato das crianças com textos sociais e funcionais em situações concretas de comunicação escrita. Assim, a carta, o bilhete, o convite, a mensagem de aniversário quando correspondem a interesses reais dos alunos tornam esses atos de leitura e de escrita mais significativa e motivadoras. É importante explorar os portadores de textos e os gêneros textuais um a um, para a criança. “O trabalho com produções de textos tem como finalidade formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes”. (BRASIL, 1997, p. 65).

Sabe-se que para melhor compreender como se dá a construção do conhecimento da leitura e da escrita, o professor deve colocar-se no ponto de vista do aluno que aprende, para saber verificar como e por que ele pensa e faz a sua escrita, procurando ainda, compreender também o que é essencial e o que é periférico na leitura, para decidir o que deve ser central e o que é apenas complementar em seu trabalho pedagógico.

É nesse processo de interação que se destaca o papel do professor como mediador entre a criança e o texto. Nessa mediação, o professor deixa de ser o único possuidor do conhecimento, pois sua intervenção é planejada para favorecer a ação do aluno sobre o texto. Esse exercício de mediação exige dele um

conhecimento, para identificar o que a criança já sabe, como pensa, como lê e escreve o que significa seus diferentes desempenhos e como agir para que continue evoluindo para os níveis seguintes.

Para combinar a alfabetização e o letramento, o professor precisa então, criar oportunidades em que a criança passa vivenciar intensamente, atos de leituras e escritas. O ambiente escolar precisa ser, concretamente um ambiente alfabetizador, onde a criança será estimulada não só a desejar descobrir os significados de cada texto, com, ainda a produzir o seu próprio texto. (SOARES, 2006, p. 23).

Para isso, é fundamental observar outras pessoas lendo e escrevendo como também manipulando os materiais de leituras que fazem parte de sua experiência cotidiana. Assim tão importante quanto ler histórias para os alunos, é deixar que eles também leiam estas histórias, quando, além de imitar o ato do professor, terão oportunidade de interagir com o texto e seus significados. Nessa situação, a criança também se sentirá competente e segura para aprender através de suas próprias ideias e construções.

Enfim, as discussões das metodologias no processo de alfabetização e letramento não se configura num modismo passageiro, e sim em importantes temáticas a serem debatidas e articuladas no trabalho em sala de aula. O modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objetivo escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever em diferentes situações sociais.

Conduzir o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento é mais do que uma decisão individual, é uma opção política, uma vez que se está inserido num contexto social e cultural em que aprender a ler e escrever é mais do que o simples domínio de uma tecnologia. Entretanto, muitos os desafios a serem enfrentados no atual contexto educacional, em que muitos alunos passam pela escola sem encontrar condições efetivas de se tornarem leitores e produtores de textos competentes. Desse fato, decorre a necessidade de haver um diálogo contínuo entre professores, pesquisadores e formadores de professores, na busca de alternativas pedagógicas que possibilitem modificar esse quadro.

Defende-se então a importância de formação continuada como espaço privilegiado desse diálogo, em que estudo das especificidades e articulação dos processos de alfabetização e letramento seja aprofundado. Independentemente das

didáticas e metodologias a serem utilizadas ou defendidas por professores, pesquisadores ou autores de livros de alfabetização, o que não se pode relegar a um segundo plano é que, a alfabetização na perspectiva do letramento, não é um mito, é uma realidade. Cabem, dessa forma, às escolas e aos professores alfabetizadores ter consciência da concepção sobre alfabetização/letramento a ser adotado, para que se torne mais claro quais procedimentos metodológicos deverão ser utilizados.

Percebe-se que nos últimos anos, ocorreram mudanças nas metodologias dos professores, que hoje estão mais cientes de que o aprendizado da leitura e da escrita não pode estar desvinculado dos sentidos que se constroem e dos usos que se faz do ler e do escrever. Entretanto, as tentativas de conduzir uma alfabetização na perspectiva do letramento têm esbarrado em diversas dúvidas e dificuldades para desenvolver estratégias de aprendizagem que realmente incorporem o conceito de letramento.

1.3 O PNAIC E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) foi instituído em 5 de julho de 2012 pelo Ministério da Educação - MEC, sobre o Ensino Fundamental de Nove Anos (2009) e regulamenta a Portaria Nº 867, de 4 de julho de 2012, que no esclarece no artigo 5º sobre as ações e objetivos do PNAIC:

- I- Garantir que Todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do ensino fundamental;
- II - Reduzir a distorção idade - série na Educação Básica;
- III - Melhorar o Índice de Desenvolvimento da Básica (IDEB);
- IV - Contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores;
- V - Construir propostas para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos do ensino fundamental. (BRASIL, 2012).

De acordo com as orientações do PNAIC, os entes governamentais comprometem-se legalmente a Alfabetizar todas as crianças em língua portuguesa e em matemática, assim como realizar avaliações anuais universais, aplicadas pelo Inep, junto aos concluintes do 3º ano do ensino fundamental e, no caso dos estados, apoiar os municípios que tenham aderido às Ações do Pacto, para sua efetiva

implementação. Ainda conforme o PNAIC, a criança é alfabetizada quando compreende o funcionamento da escrita, domina as correspondências entre grafema.

Em uma concepção de alfabetização focada na inserção das crianças nas práticas sociais, podem ser desenvolvidas metodologias que, de modo concomitante, favoreçam a apropriação do sistema alfabético de escrita. Por meio de atividades lúdicas e reflexivas e a participação em situações de leitura e produção de textos, ampliando as referências culturais das crianças. (BRASIL, 2012, p. 20).

Dessa afirmação depreende-se a ideia de que, para o processo de alfabetização é necessário que os professores estejam preparados, motivados e comprometidos, e acompanhem o progresso da aprendizagem das crianças. Contudo, é preciso disponibilizar o acesso aos instrumentos pedagógicos e é importante que o professor, figura central neste processo, saiba utilizá-los.

O PNAIC considera que o papel do professor é importante para a sociedade e para o desenvolvimento do conhecimento do mundo, pois é ele quem favorece a aprendizagem e “organiza um determinado conhecimento e dispõe de certa maneira de propiciar boas condições de aprendizagem” (BRASIL, 2012, p. 06), por isso, existe a necessidade do professor acompanhar as transformações da sociedade e o PNAIC propõe a formação dos professores alfabetizadores direcionando maneiras para a atuação docente.

Nos documentos do PNAIC (BRASIL, 2012), a alfabetização apresenta-se como um desafio para a educação, pois, muitas crianças brasileiras concluem o ciclo destinado à sua alfabetização sem estarem plenamente alfabetizadas. Portanto é do conhecimento de todos que a educação é um direito constitucional garantido a todos os brasileiros.

No artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 9394/96, podemos observar as finalidades da educação: “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Para garantir que este ensino se desenvolva de maneira plena a LDB traz em seu artigo 32:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o

desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

Os direitos de aprendizagem do ciclo de alfabetização devem permear toda a ação pedagógica do professor alfabetizador, ou seja, eles devem ser pensados, planejados e executados de maneira a cumprir a legislação educacional. Os direitos de aprendizagem do Ciclo de Alfabetização referentes à Língua Portuguesa são:

1. Falar, ouvir, ler e escrever textos, em diversas situações de uso da língua portuguesa, que atendam a diferentes finalidades, que tratem de variados temas e que sejam compostos por formas relacionadas aos propósitos em questão. [...] 2. Falar, ouvir, ler e escrever textos que propiciem a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, participando de situações de combate aos preconceitos e atitudes discriminatórias: preconceito de raça, de gênero, preconceito a grupos sexuais, a povos indígenas, preconceito linguístico, dentre outros. [...] 3. Apreciar e compreender textos falados e escritos do universo literário, como contos, fábulas, poemas, dentre outros. [...] 4. Apreciar e usar, em diversas situações, os gêneros literários do patrimônio cultural da infância, como parlendas, cantigas, trava línguas, dentre outros. [...] 5. Falar, ouvir, ler e escrever textos relativos à divulgação do saber escolar/ científico, como verbetes de enciclopédia, verbetes de dicionário, resumos, dentre outros, e textos destinados à organização do cotidiano escolar e não escolar, como agendas, cronogramas, calendários, dentre outros. [...] 6. Participar de situações de fala, escuta, leitura e escrita de textos destinados à reflexão e discussão acerca de temas sociais importantes, por meio de reportagens, artigos de opinião, cartas de leitores, dentre outros. (BRASIL, 2012, p. 15).

Diante disso, percebe-se que os direitos de aprendizagem pretendem promover uma educação para além da alfabetização, buscando na perspectiva do letramento. Segundo Jacomini (2009) *apud* Franchi (2012, p. 149) a educação como direito pretende que a criança alcance com êxito os objetivos escolares. Espera que a escola como um todo, perceba-se responsável pelo aluno e crie mecanismos para que além da aprovação, o estudante com dificuldades escolares possa ser conduzido ao ano seguinte com a garantia de recursos pedagógicos que o auxiliem na superação dos desafios educacionais, de tal forma que as suas particularidades de tempo e aprendizagem sejam consideradas.

O Brasil alcançou um patamar inédito na sua história com grandes avanços econômicos e sociais. (...) encontra-se no auge de uma urgência histórica para a realização da sua tarefa de educar com qualidade social todos os seus cidadãos. Esta tarefa tem na escola pública seu principal e mais amplo espaço de construção. Entre todos os grandes desafios para a educação brasileira nenhum é mais estratégico e decisivo que garantir a plena alfabetização de nossas crianças. (BRASIL, 2012, p. 05, 06).

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) tem como objetivo assegurar que todas as crianças estejam plenamente alfabetizadas ao final dos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Para tanto, as ações desenvolvidas nessa proposta formam um conjunto integrado de programas, materiais didáticos, referências curriculares e pedagógicas disponibilizados pelo MEC que contribuem para a alfabetização e o letramento, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores.

Essa formação continuada dos professores alfabetizadores consiste em curso presencial com duração de dois anos, dividido em cento e vinte horas anuais. A instrução baseia-se no Programa Pró-Letramento, cujo método de ensino expõe estudos a atividades práticas ao longo do curso. Os encontros são conduzidos pelos Orientadores de Estudo. Eles são professores da rede de ensino, capacitados por meio de curso específico com duzentas horas anuais, ministrado por universidades públicas.

Os encontros desenvolvidos no curso do PNAIC para os professores alfabetizadores abordam temas relacionados aos direitos de aprendizagem, processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem, planejamento e avaliação das situações didáticas e conhecimento e uso dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação. De acordo com o Ministério da Educação, todos estes temas são voltados para a melhoria da qualidade do ensino no ciclo de alfabetização.

Os objetivos da formação do PNAIC no primeiro ano do curso foram divididos ao longo das unidades e devidamente apresentados:

1. Entender a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento, com aprofundamento de estudos utilizando, sobretudo, as obras pedagógicas do PNBE do Professor e outros textos publicados pelo MEC;
2. Aprofundar a compreensão sobre o currículo nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sobre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento nas diferentes áreas de conhecimento;
3. Compreender a importância da avaliação no ciclo de alfabetização, analisando e construindo instrumentos de avaliação e de registro de aprendizagem;
4. Compreender e desenvolver estratégias de inclusão de crianças com deficiência visual, auditiva, motora e intelectual, bem como crianças com distúrbios de aprendizagem no cotidiano da sala de aula;
5. Conhecer os recursos didáticos distribuídos pelo MEC (livros didáticos e obras complementares aprovados no PNLD; livros do PNBE e PNBE Especial; jogos didáticos) e planejar situações didáticas em que tais materiais sejam usados;
6. Planejar o ensino na alfabetização, analisando e criando propostas de organização de rotinas da alfabetização na perspectiva do letramento;

7. Compreender a importância de organizar diferentes agrupamentos em sala de aula, adequando os modos de organização da turma aos objetivos pretendidos;
8. Criar um ambiente alfabetizador, que favoreça a aprendizagem das crianças;
9. Entender as relações entre consciência fonológica e alfabetização, analisando e planejando atividades de reflexão fonológica e gráfica de palavras, utilizando materiais distribuídos pelo MEC;
10. Compreender a importância da literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental e planejar situações de uso de obras literárias em sala de aula;
11. Conhecer a importância do uso de jogos e brincadeiras no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, analisando jogos planejando aulas em que os jogos sejam incluídos como recursos didáticos;
12. Analisar planejar projetos didáticos e sequências didáticas para turmas de alfabetização, assim como prever atividades permanentes, integrando diferentes componentes curriculares e atividades voltadas para o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita. (BRASIL, 2012, p. 31).

Sobre esses objetivos, pode-se perceber que estão todos relacionados à prática pedagógica dos professores alfabetizadores e buscam proporcionar meios para que eles possam canalizar os objetivos dos conteúdos na busca pela plena alfabetização dentro do Bloco. A formação continuada dos docentes é o processo que ocorre na vida do professor alfabetizador, pois ele deve estar em contínua formação ao longo de sua vida profissional, conhecendo novos conceitos, rompendo paradigmas e aperfeiçoando sua prática, a qual “não se constrói apenas por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim, por meio do trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e da (re) construção permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1992 *apud* BRASIL, 2012, p. 51).

Entendemos que o Professor que se propõe a alfabetizar deve estar pronto para encarar novos desafios, compreender a formação do seu aluno, encarar com normalidade e sabedoria as dificuldades de aprendizagem, aceitar que sua prática necessita ser resinificada ao longo do tempo, considerando assim, novas teorias e assumindo novas estratégias.

Nesse sentido, espera-se que ele compreenda a necessidade da autoavaliação e de refletir sobre as suas ações de modo a avaliá-las. Somente por meio da formação continuada é possível que o professor alfabetizador reconheça seus possíveis erros, ou atitudes ultrapassadas e conheça novas possibilidades. Esta formação não necessita ser exclusivamente de cursos e certificados, pois a formação continuada inclui as coordenações coletivas com suas oficinas, dinâmicas, jogos e brincadeiras, sem deixar, é claro, a formação teórica.

A sala de aula é um lugar de brincar se o professor consegue conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isto é necessário encontrar o equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções – e pedagógicas- ensinar conteúdos e habilidades, ensinar a aprender-psicológicas contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo - na moldura do desempenho das funções sociais - preparar para o exercício da cidadania e da vida coletiva, incentivar a busca da justiça social e da igualdade com respeito à diferença (FORTUNA, 2013, p. 09).

Assim, alfabetização é um processo permanente e contínuo, pois não se acaba na aprendizagem da leitura e da escrita. Este processo permeia e acontece no decorrer da vida, pois no cotidiano já possuem um contato com o mundo escrito, com a leitura, elaborando assim hipótese para compreender a escrita. De acordo com Ferreiro (2011:48), “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Enfim, o PNAIC contribui para qualificação e aprimoramento das práticas pedagógicas e da ação como docente, pois este Acordo trouxe uma proposta de formação continuada para os professores alfabetizadores, que atuam no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental). O PNAIC influencia fortemente as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar, na criação de cantinhos da leitura, e na oportunidade de momentos lúdicos, experiências com jogos. Para isso acontecer com qualidade, o professor necessita ter clareza sobre como e o que ensinar, para assim, contribuir no processo de alfabetização dos alunos, de uma maneira significativa e divertida, tornando assim, todos ativos na construção do conhecimento.

2 A PRÁTICA DO LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS

2.1 CLASSE MULTISSERIADA: ASPECTOS HISTÓRICOS

A palavra Multisseriada, segundo Arroyo (2004, p. 81), significa Multi = vários. Seriado = Séries; logo, se distingue por um conjunto de séries inclusas em uma única sala tendo, segundo o autor, um estilo contrário para a visão seriada urbana. Dando a entender que a visão seriada urbana fosse referência de modelo para a educação e a multisseriada fosse algo a ser destruída para um dia construir a escola seriada do campo. As classes multisseriadas quando compradas ao modelo e ensino, podem ser caracterizadas como:

[...] junção de alunos de diferentes níveis de aprendizagem (normalmente agrupadas em “séries”) em uma mesma classe, geralmente submetida à responsabilidade de um único professor, (e que essa) tem sido uma realidade muito comum dos espaços rurais brasileiros, notadamente nas regiões Norte e Nordeste. (SANTOS; MOURA, 2010, p. 35).

Dessa forma, pode-se notar grandes desafios dos professores para realizarem um trabalho que seja proveitoso tanto para ele quanto para as crianças. O educador tem uma responsabilidade muito grande, que é alfabetizar alunos de distintos graus de aprendizagem.

Ao se falar em multissérie, há também a necessidade em apresentar as reflexões que foram paulatinamente ampliadas ao longo da história até chegar ao conceito que conhecemos atualmente. Por isso, as classes multisseriadas estão basicamente inseridas nas escolas do campo, ou seja, no meio rural, as quais surgiram devido as dificuldades encontradas em levar a todos o direito à educação.

Então, percebendo a necessidade que as pessoas do campo tinham para buscarem o direito de poderem estudar e serem educados por professores, mesmos que fossem em casa. Os professores reuniam crianças de várias localidades próximas e ensinavam-lhes a ler, escrever e a contar. Esses fatos aconteceram até o surgimento oficial das classes multisseriadas durante o governo imperial, propostas pela Lei Geral do Ensino em 1827. Essa Lei determinava que em quaisquer lugares onde houvesse um número satisfatório de pessoas deveriam existir, então, as escolas de primeiras letras. (SANTOS; MOURA, 2010, p. 36).

As classes multisseriadas surgiram no Brasil após a expulsão dos Jesuítas. Com isso se deu início ao trabalho de professores ambulantes que iam de fazenda em fazenda para ensinar as primeiras letras.

Conhecemos que a história da classe multisseriada das escolas do campo sempre foi apoiada por artifícios compensatórios com o conceito de solucionar a falta de acesso às escolas para obterem um número reduzido de crianças e jovens viventes no campo. As quais impõem ao professor a difícil tarefa de alfabetizar várias crianças ao mesmo tempo. Sem contar que na maioria das vezes o próprio professor é desde o educador, orientador e até merendeiro, vigia, psicólogo, servente, enfermeiro e algumas vezes até realiza a função de pai e mãe, o qual fica sobrecarregado de atividades em condições adversas de trabalho.

O grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo na Amazônia – GEPERUAZ-UFPa expressa tal situação, quando diz que:

Muitos educadores (as) expressam insatisfação com relação a existência das classes multisseriadas pelo fato de não possuírem formação específica para trabalhar com uma turma diversificada em termos de idade e de aprendizagens, estabelecendo muitas comparações com as turmas seriadas, manifestando a expectativa que essas turmas se transformem em seriadas como alternativas para que o sucesso na aprendizagem se efetive. (GEPERUAZ, 2005, p.46).

Nota-se então, que ao surgirem as classes multisseriadas, comumente se assentavam professores sem o nível superior ou uma formação específica para atuar em sala de aula, eram aquelas pessoas que haviam cursado até a 5ª série do ensino fundamental que alfabetizavam as crianças.

Os educadores então viviam um tipo de solidão na efetivação de seu trabalho, portanto, essa realidade não apresentava nenhuma cultura docente, pode-se dizer que o professor vivia isolado de tudo, sem contar com o apoio que precisava. Atualmente muitas escolas da área rural ainda enfrentam essa realidade, a falta de apoio e a valorização. Na verdade não se sabe ao certo quando as classes multisseriadas surgiram no Brasil, mas de acordo com Gardia (2005, p. 05), dá-se por volta da década de 30, em lugares como São Paulo, a escola primária rural atendia até a 3ª série em classes multisseriadas e os conteúdos trabalhados eram iguais os da cidade.

Em relação ao fato de se trabalhar conteúdos nas escolas do campo iguais aos da cidade, não mudou muita coisa, isso ainda acontece com muita frequência

nessas escolas, onde os livros didáticos trazem muito das cidades do que assuntos do campo, como se apenas as crianças do interior devessem aprender somente sobre as coisas da cidade. Muito pelo contrário, nota-se a necessidade em abordar assuntos voltados para a realidade das crianças, aprender mais sobre sua origem, cultura e outras atividades que desenvolvem no campo, consideradas importantes para o aprendizado e desenvolvimento cognitivo das crianças.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDB N° 9394/96, estabeleceu no artigo 28 algumas adaptações voltadas à Educação Básica para atender a população do campo, a qual também foi fortalecida com outra importante conquista, que foi a aprovação das “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Parecer nº36/2001 e Resolução 1/2002 do Conselho Nacional de Educação). Com isso, a Educação do Campo foi incorporada ao documento das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. As Diretrizes deliberam a analogia das escolas do campo como:

[...] pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade de saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de Ciências e Tecnologia disponível na sociedade, nos Movimentos Sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (Art. 2º, parágrafo único CNE/SEB, 2002).

Então, se vê que as classes multisseriadas originaram-se das lutas do povo em procura de conhecimento percebendo a precisão de se instruir e ir a busca de aprender as primeiras letras, a qual passou a existir em todas as regiões do Brasil, que de certa forma continua beneficiando e proporcionando o acesso da população do campo à educação e oferecendo também, a necessidade de um zelo maior pois, uma escola necessita de uma estrutura bem mais perfeita se conferida às turmas vivenciadas anteriormente, onde o ensino ocorria em ambientes bem desiguais aos de uma escola.

No entanto, nota-se que houve uma mudança ao decorrer desses longos anos em relação aos espaços destinados às classes multisseriadas. O que se percebe hoje, é que essas classes não deixarão de existir nas escolas do campo, fazendo com que se tenha um aprendizado mais lento se comparados a uma classe com ensino regular. Contudo, essas classes têm suas características, pois

possibilitam coisas que na zona urbana não seria possível, como, um passeio ao ar livre, observar a natureza de perto e usufruir de toda sua beleza.

2.2 LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSÉRIES: PRÁTICA DOCENTE

Trabalhar em classes multisseriada já é um grande desafio, trabalhar o processo de Letramento então nesse tipo de classe, o desafio se torna ainda maior. Por isso, é importante ressaltar alguns dos problemas enfrentados pelos professores, como por exemplo, os planejamentos que devem ser diferenciados, pois se sabem que as secretarias de educação enviam para as escolas os currículos já prontos os quais devem ser seguidos, sendo essa uma das barreiras a ser enfrentada.

No entanto, o professor precisa ser bastante criativo para trabalhar com alunos de turmas multisseriada. Um fato que é favorável ao se deparar com essa realidade é que a maioria dos professores que trabalham nessas turmas são locais, ou seja, moram no mesmo lugar. Quando a realidade é outra, o professor deve primeiramente conhecer o contexto em que os alunos estão inseridos para que exista um melhor aproveitamento.

Para que se desenvolva um trabalho com eficiência, precisa-se deixar um pouco de lado o currículo proposto pelas Secretarias e trabalhar de acordo com a realidade do local, pois os currículos que vem priorizam basicamente uma concepção de educação padronizada, sendo pouco trabalhados os assuntos recorrentes a realidade dos alunos do campo, pois isso requer um reconhecimento e valorização e respeito da cultura local.

A escola rural requer um tratamento diferenciado, pois a oferta de ensino fundamental precisa chegar a todos os recantos do País e a ampliação da oferta de quatro séries regulares em substituição às classes isoladas unidocentes é a meta a ser perseguida, consideradas as peculiaridades regionais e a sazonalidade. (BRASIL, 2001, p. 49).

Nota-se então, a importância em levar conteúdo significativo para dentro da sala de aula, principalmente nas escolas do campo. Isso não significa que se deve deixar os conteúdos de lado, muito pelo contrário, se deve associar da melhor maneira possível o conteúdo voltado para a realidade dos alunos. Quando isso acontece há um interesse melhor e os alunos assimilam com mais êxito o conteúdo.

De certa forma, cabe à escola o papel de trabalhar o Letramento de uma forma dinâmica, pois assim a escola estará colaborando para a compreensão de leitores capazes de interatuar com qualquer tipo de texto. No entanto, percebe-se a complexidade desse artifício, pois primeiramente se trabalha com crianças que acabam de entrar no mundo letrado da escola. Sendo assim, solicita-se que haja uma abrangência de como ocorre tal cognição, pois se sabe que uma criança, ao ingressar na escola, já traz consigo um equipamento cultural, desse modo, essa estrutura cultural é uma solicitação ao treinamento do assentimento, especialmente da cidadania e consideração.

Com isso, percebe-se a importância em saber distinguir esses fatores que levam o cidadão, muitas vezes a um pensamento diferenciado, achando que as pessoas da zona rural não possuem conhecimento, cultura ou que não são bem informados e que aceitam tudo o que lhes impõem. Muito pelo contrário, essas pessoas são bastante determinadas e lutam por seus ideais.

Contudo, observa-se que o procedimento do hábito da leitura não decorre unicamente da memorização, é sim uma informação de caráter conceitual. Necessita envolver não só o seu aspecto, mas seu papel social; precisa incluir as múltiplas nuances e funcionalidades da leitura: sentir verdadeiramente a vontade de ler, fazer isso com prazer, buscando se informar para também ser capaz de criticar, para interagir melhor com os outros estabelecendo boas relações, para estudar, para escrever e ter atitude mais independente, dialogar, dentre outros.

No entanto, os professores de turmas multisseriadas enfrentam obstáculos que os levam a determinados fatores, sendo que na maioria das vezes suas metodologias não funcionam com eficácia. Por sua vez, esses aspectos impedem a concepção de leitores, pois esse processo requer condições favoráveis e em classes multisseriadas as condições não favorecem tanto. Por outro lado, há também a falta de materiais disponíveis, o mau uso dos materiais de leitura, a falta de uma biblioteca, a falta de planejamento por parte dos professores em relação à leitura, os quais não priorizam as aulas de leitura.

Devido a carência da rotina da leitura ou com a pouca leitura, o estudante, principalmente, os de classe multisseriadas tem o seu conhecimento fragilizado, o qual impede o exercício integral da sua cidadania. Em compensação, não basta apenas ler, a leitura precisa ser uma condição para a escrita e a imaginação para o entendimento e para o descobrimento de outros horizontes. O compromisso sócio-

político com a educação deve ser examinado para que possa quitar a dívida histórica com crianças, jovens e adultos que têm sido danificados na sua decência, pela circunstância de descaso e ausência de projetos pedagógicos expressivos, que ofereçam escolas com características capazes e satisfatórias para educar cidadãos capacitados para transformar a sociedade.

O professor também deve fazer de sua sala de aula um ambiente acolhedor e participativo para que o aluno não se sinta inibido ao questionar, onde o professor também está aprendendo junto com os alunos, o que leva a uma troca de saberes, a qual faz com que se estabeleça um relacionamento de afetividade entre ambos, proporcionando respeito e confiança. Isso faz com que os alunos se sintam apreciados e detentores do conhecimento.

Deve-se também levar em consideração estudos voltados para a realidade da localidade onde está implantada a escola multisseriada, pois, partindo do contexto de integração, trazendo a história do local para dentro da sala de aula, por exemplo, é método a se pensar se vale a pena ou não. Acredita-se que, dessa forma se pode levar mais estímulo aos alunos para que possam ter interesse em aprender cada vez mais e com isso também obter a prática de leitura. Pode-se fazer diversas atividades como, leituras de imagem, pesquisas de saberes populares da comunidade, aulas passeios nas proximidades da escola, enfim, métodos que realmente possam estimular o aluno.

Dessa forma se está valorizando o aluno e junto com ele também sua família, a qual é muito no processo de aprendizagem dos mesmos. Contudo, falta mais apoio do poder público municipal, estadual e federal. É um desafio imenso o trabalho do professor de classes multisseriadas, principalmente quando se quer ter um espaço voltado especificamente para a leitura. Sabe-se que os conteúdos trabalhados são os mesmos para as turmas do regular. Daí se pode concluir a falta de apoio adequado para com as escolas do campo.

Portanto, sabe-se que o objetivo maior da escola é permitir que o aluno leia, escreva, fale e compreenda os mais variados tipos de textos escritos. Para alcançar esse objetivo, o professor de multissérie deve criar situações reais de comunicação em que o aluno possa fazer o uso do que aprende no contato com livros diversos, revistas, gibis, músicas, poesias, jornais, filmes, trocar correspondências, dramatização, entre outros meios.

Enfim, é necessário garantir o máximo de interação com as mais variadas formas de expressões orais e escritas. O desenvolvimento do gosto pela leitura depende da maior ou menor presença no cotidiano de práticas de leitura e escrita. Diferentes modos de participação nas práticas discursivas orais em família permitem a criança construir uma relação com a linguagem (oral e escrita) enquanto prática discursiva e enquanto objeto de conhecimento.

Para ler e escrever é necessário analisar a parte e o todo, perceber igualdades e desigualdades, semelhanças e diferenças. Estabelecer proporções e analogias, pesquisar causas e efeitos e destrinchar incoerências, aceitar simetrias e assimetrias. A escola tem avaliado o observável do indivíduo, com isso às vezes, o professor para tentar ajudar aos seus alunos, propõe-lhes tarefas fáceis menos desafiantes, usando textos simplificados absolutamente artificiais e pouco significativos, por serem descontextualizados.

E essa estratégia, pode aparentemente, resultar em um melhor desempenho na parte mecânica da leitura, mas, ao mesmo tempo, também pode bloquear o desenvolvimento e a aprendizagem por não oferecer desafios motivadores e ir contra o objeto de letramento, que é a apreensão do mundo criado pela linguagem escrita.

Por fim, são vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante o processo de leitura e escrita. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar os vocábulos, pelo conhecimento do vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua.

2.3 DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A educação do campo tem se desenvolvido bastante nos últimos tempos dentro dos movimentos sociais nos diferentes tipos de organizações que atuam com a LDB nº 9394/96, a qual determina em seu Artigo 1º que, a educação deve abranger diferentes processos de formação, como o que acontece na vida em família, “na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos Movimentos Sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Portanto, a educação deve estar inserida em todos ambientes sem distinção de classe ou nível social. Mas, o que se vê é que ainda existe esse tipo de divisão, onde a educação do campo não é bem aceita.

Contudo, vale ressaltar que o campo também oferece seu valor e tem muito a compartilhar com a educação e a formação do cidadão, pois as pessoas têm suas habilidades, valores, conhecimentos, sentimentos e outros. Nesse sentido, a LDB ainda afirma que as pessoas podem ser educadas por meio da sua cultura e tornarem-se bons cidadãos na vida em família, no trabalho, na escola e em todos os lugares.

As escolas multisseriadas funcionam em grande número nas regiões Norte e Nordeste. No Pará esse número é bastante abrangente, como afirma Hage (2006, p. 161), que no estado do Pará temos o segundo “maior número de escolas multisseriadas do país. 8.675 escolas, perdendo somente para a Bahia, que tem 14.705 escolas. O mesmo se repete em relação às turmas multisseriadas, que totalizam 11.231”. Essa realidade não é vista como algo bom e produtivo, mas sim, como algo de sofrimento, problema, insatisfação e outras situações que fazem com que as classes multisseriadas sejam vistas dessa forma pela sociedade e alguns educadores, os quais têm que enfrentar essa difícil realidade.

As classes multisseriadas persistem prevalecendo, sobretudo na zona rural como já foi mencionado anteriormente em decorrência dos aspectos relativos à baixa densidade demográfica, existentes nessas regiões que ocasionam o difícil acesso às escolas que na maioria das vezes estão localizadas distante das residências das famílias. Esses fatores fazem com que exista um grande número de defasagem dos alunos, por isso, as classes multisseriada tem se tornado motivo para a extinção da mesma.

A palavra multisseriada tem um caráter negativo para a visão seriada urbana. Como se a escola urbana seriada fosse boa, o modelo; e a multisseriada fosse ainda algo que vamos destruir para um dia criar a escola seriada no campo. (ARROYO, 1999, p. 26, 27).

Nesse sentido, entende-se que a escola multisseriada não que ela devesse ser destruída, mas sim, que ela passasse por uma melhoria, que houvesse menos turmas assim. Desse modo, haveria mais disponibilidade dos professores e os alunos aprenderiam mais rapidamente. Pois, é notório que essas turmas têm um pouco mais de dificuldade de aprendizado, onde o mesmo se torna muito lento e a ainda se encontra professores sem qualificação.

Dentre as múltiplas complicações existentes nas classes multisseriadas, também há a falta de uma estrutura adequada para atender as crianças que aí

chegam com a esperança de encontrarem um ambiente aconchegante e acolhedor que lhes servirá de estímulo para seu processo educacional.

Com relação às dificuldades encontradas nas classes multisseriadas, Hage (2005, p. 01) afirma que,

Em geral essas escolas são alocadas em prédios escolares depauperados, sem ventilação, sem banheiros e local para armazenamento e confecção da merenda escolar. Há situações que não existe o número de carteiras suficientes, o quadro de giz encontra-se danificado; e em muitos casos, essas escolas não possuem prédios próprios funcionando em prédios alugados, barracões de festa, igrejas ou mesmo em casas de professores e lideranças locais.

Nota-se que nas escolas onde funcionam turmas multisseriadas, comumente a estrutura é de péssima qualidade, algumas funcionam com apenas uma sala de aula, uma sala pequena que serve tanto como biblioteca, secretaria, sala dos professores e outros. O banheiro é fora, ou às vezes nem tem. Questiona-se então, por que essas escolas são esquecidas, ou melhor, por que os gestores não procuram melhorar a estrutura das mesmas? Será que os alunos do campo não merecem uma escola de qualidade assim como os alunos da zona urbana?

A falta de uma estrutura adequada também influencia no aprendizado das crianças, as quais começam a se sentirem desmotivadas, algumas até evadem da escola. Assim como o currículo escolar é parecido ao das escolas urbanas, por que não as escolas também terem mesmo modelo? Em relação ao espaço adequado Rinaldi (2002, p. 77) diz que,

O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de mais nada, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações.

Pode-se perceber então como se deve ser o espaço para atender as crianças dentro da escola, o qual deve ser antes de qualquer coisa acolhedor para que os alunos possam se integrar às novas relações e culturas, possibilitando que eles desenvolvam novos conhecimentos e absorvam novas culturas.

É importante advertir ainda que os professores, com o objetivo de melhorar o recinto da sala de aula, comprem utilizando seus próprios recursos, diversos

materiais para ornamentar sua classe para que os alunos se sintam mais à vontade e bem recebidos. Em relação a esta e outras situações Reis (2010, p. 13) revela que,

É necessário repensarmos a educação do campo nos múltiplos contextos na qual ela se apresenta na sociedade vigente. Se muito está se fazendo em termos de políticas públicas para a Educação do Campo, faz-se necessário buscar alternativas que contemple as condições de trabalho do docente. Estas condições dizem respeito, a uma política de valorização do magistério que contemple salários e formação inicial e continuada, estruturas físicas adequadas ao trabalho, com escolas que possuam os espaços necessários ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que possa ser bem sucedida.

Percebe-se então, que há muito tempo este problema é questionado e nada se fez para melhorar a educação do campo e a estrutura das escolas deste local, o qual influencia no desenvolvimento de um trabalho que cultive a educação do campo onde possa favorecer tanto o trabalho professor com o aprendizado dos alunos. Desse modo, pode-se lembrar da desvalorização do professor de classes multisseriadas possibilitando a ele que continue se especializando e fazendo cursos de capacitação para desempenhar seu papel com mais eficácia.

A falta de uma estrutura adequada está ligada ao descaso dos responsáveis pelo repasse dos recursos voltados para a educação que não aplicam devidamente ao que é viável aplicar. Sabe-se que em muitos municípios esses recursos são desviados para fins pessoais do gestor ou que não seja relacionado à educação.

A realidade da maioria das escolas do campo é sempre a mesma. Geralmente são feitas pequenas construções com apenas uma única sala de aula, às vezes uma sala que serve de tudo e uma cozinha, quando tem, porque em alguns casos, a merenda é feita na casa da servente, que normalmente fica próxima à escola, quando tem, caso contrário, é o próprio professor quem faz a merenda dos alunos. Esses e outros problemas fazem com que, direta ou indiretamente, seja provocado um fracasso escolar, que na realidade não são poucos.

O projeto de escola seja ela qual for, é elaborado prevendo espaços para trabalhos com determinados métodos e os métodos não duram para sempre. Ficam obsoletos e exige reciclagem, o que nem sempre acontece, com a mesma velocidade, com o espaço construído. Daí a importância de pensar edifícios que levem em conta a mutabilidade, tão natural nas coisas humanas. (OLIVEIRA, 1998 *apud* ELALI, 2003, p. 25).

Nesse sentido, nota-se que toda e qualquer escola não especifica se ela é da zona rural ou urbana, mas que seja um ambiente que propicie tanto ao educador como ao educando a possibilidade de trabalhar em um ambiente de qualidade.

Enfim, são inúmeras as dificuldades que os professores de uma escola da zona rural enfrentam, que vai desde a desvalorização profissional à infinidade de problemas já citados anteriormente. Contudo, espera-se que pelo menos seja elaborado leis que amparam as classes multisseriadas, para que o ensino tenha resultados mais positivos.

3 LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIIDAS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE DUAS ESCOLAS RURAIS, AVEIRO/PA

3.1 METODOLOGIAS DA PESQUISA

Esse estudo adotou uma metodologia que possibilitou o processo de investigação por meio de uma pesquisa bibliográfica dos autores que tratam da temática, como: Soares (1998, 2003, 2005); Ferreira e Teberosky (1985); Weiz (2000); Brito (2007); Geperuaz (2005); Hage (2005), PNAIC (BRASIL, 2012). A pesquisa requer uma abordagem qualitativa, que apresentou características específicas, como: a possibilidade dos investigadores analisarem os seus dados de forma indutiva (do particular para o geral), ou seja, da raiz prática para o topo teórico; o significado é de importância vital na Investigação Qualitativa, à medida que permite elaborar percepções ou representações desse significado (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 287).

Teve-se a necessidade de realizar uma pesquisa de campo e, de acordo com os objetivos dessa investigação foram escolhidas duas escolas públicas de ensino fundamental, localizadas na área rural do município de Aveiro/PA. A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Nossa Senhora de Fátima, localizada na Comunidade do Cury, às margens do Rio Tapajós, e a Escola de Ensino Infantil, Fundamental e Médio Vista Alegre, localizada na comunidade de Andrelândia.

Essa pesquisa foi feita com seis professores que trabalham nas escolas citadas, sendo três de cada escola, com o propósito de conhecer as práticas docentes nas classes multisseriadas, como está acontecendo o processo de letramento dos alunos e os desafios que se opõem a toda comunidade escolar que estão envolvidos com esse tipo de turma.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa tornou-se necessário conhecer alguns traços dos educadores atuantes em duas escolas rurais do município de Aveiro, no intuito de melhor subsidiar o estudo e fazer corretamente a análises dos dados coletados. Trata-se de professores qualificados e habilitados em Pedagogia, e que possuem de

5 a 10 anos de nessa modalidade de ensino, lecionando para classe composta de 15 a 22 alunos de turmas multisseriadas.

A pesquisa foi feita por meio de um questionário contendo nove questões abertas para que os professores pudessem expressar os seus reais pontos de vista em relação ao tema exposto.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A **Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Vista Alegre** foi fundada em março de mil novecentos e oitenta e dois (03/1982), pela professora Maria de Fátima de Souza Oliveira juntamente com seu irmão Arnaldo Martins de Souza na comunidade de Andrelândia, município de Aveiro-PA. Está identificada neste trabalho como **Escola A**. Essa comunidade fica localizada na zona rural e recebeu este nome em homenagem ao Senhor André Antônio do Carmo que foi o primeiro morador da mesma. A figura 1 traz a fachada da escola.



Figura 1. Frente da Escola Vista Alegre

A Escola Vista Alegre recebeu este nome devido as brincadeiras que existiam naquela época, onde vinham várias pessoas de outros lugares para se divertirem naquela localidade, e como era só alegria e existia uma paisagem natural muito bonita batizaram a escola com esse nome. A estrutura física da escola é de alvenaria e madeira, com telhas de barro e atende sua clientela em três turnos que são: matutino onde funciona desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental

Menor, vespertino com as turmas do Fundamental Maior e noturno com o Ensino Médio. Essa demanda é de cento e setenta e um (171) educandos, segundo a matrícula inicial do ano de 2017 sendo que, a mesma é uma escola polo onde comporta 07 escolas anexas onde o número de alunos não está incluído.

A referida escola faz parte da Rede Municipal de Ensino público, onde predomina as cores branco e verde, contendo cinco (05) salas de aula uma (01) secretaria, uma (01) biblioteca uma (01) cozinha, um (01) refeitório, dois (02) banheiros. O corpo Técnico/Administrativo da escola é composto por uma (01) diretora, uma (01) coordenadora pedagógica, uma (01) secretária e o corpo de apoio, dois (02) vigias, duas (02) merendeiras, duas (02) auxiliares de serviços gerais e o corpo docente é composto por oito (08) professores. Sendo assim, a escola dispõe de um quadro de dezessete (17) servidores empenhados em desenvolver de forma qualitativa e democrática o processo de ensino e aprendizagem que é ofertado.

Em equipamentos a escola possui cadeiras e mesas para todos os alunos matriculados em bom estado de conservação, mesas para todas as salas de aula, um (01) armário de madeira, um (01) armário suspenso dispõe de dois (02) mimeógrafos, sete (07) ventiladores duas (02) impressora HP, livros do acervo escolar, (01) fogão de cinco bocas, (1) um fogão semi-industrial de quatro bocas (01) liquidificador, um (01) freezer.

A escola possui um projeto político pedagógico em andamento, o planejamento das atividades é realizado, os professores dão conteúdos, exercícios e provas. Por ser uma escola considerada de médio porte para região os professores e a direção trabalham em conjunto para assim obter um bom aproveitamento. Os professores desta unidade recebem apoio de pedagogo da própria escola, que acompanha os diários de classe e caderno de plano de aula ou projetos de ensino, sendo opcional para o professor. Abaixo outro registro fotográfico na escola Vista alegre conforme figura 2.



Figura 2. Acadêmica em frente à escola Vista Alegre.

Em relação às metodologias, cada professor tem a sua forma de trabalhar, cabendo inovações, buscando relacionar os conteúdos com o cotidiano escolar do aluno, onde o professor explica e socializa em sala de aula, favorecendo a aprendizagem e despertando o interesse dos mesmos, isso refletindo a cada bimestre em seus trabalhos individual ou coletivo ou através da avaliação que fechar o bimestre.

Percebe-se que a direção apresenta um contentamento com a quantidade de professores e suas qualificações, pois todos os docentes têm formação, isso facilitando o trabalho da direção e o próprio aprendizado do aluno. O trabalho técnico-pedagógico é feito por profissional qualificado, pelo que se observa este repassa aos profissionais a base fundamental para a resolução dos problemas que afetam a sala de aula. Quanto aos recursos didáticos fornecidos pelos professores, ou seja, aos profissionais da educação, não é suficiente para atender toda a demanda escolar, tornando a carga de responsabilidade do professor enorme, dificultando a realização eficiente o que vem prejudicando o rendimento escolar.

Um dos pontos que a educação avança, é por meio de colaboração estabelecida entre as diversas esferas do poder público. Neste sentido, cabe ao município investir mais na educação, ofertando recursos de qualidade e em quantidade necessária que atenda a demanda de aluno, oferecer cursos de formação continuada a todos os atuantes na educação, e assim podendo oferecer aos educandos uma educação de qualidade.

Já a **Escola de Ensino Infantil e Fundamental Nossa Senhora de Fátima**, está localizada na comunidade de *Cury- Teçá*, a margem direita do rio Tapajós. Está identificada neste trabalho como **Escola B**. Foi construído o primeiro prédio em 1986, antes as aulas funcionavam em um barracão. Só depois em 1988 que foi construído o primeiro prédio pelo prefeito Leon Bouller, todo em madeira com finalidade de atender as turmas de 1ª a 4ª série existentes naquela época. A figura 3 traz a frente da escola.



Figura 3. Frente da Escola **Nossa Senhora de Fátima**

Em 2000 foi implantado a educação de jovens e adultos, funcionando no salão paroquial. Em 2001 foi construído o novo prédio em alvenaria inaugurado pelo prefeito Adalberto Viana no dia 13 de maio de 2004, com três salas, uma cozinha, uma secretaria, três banheiros, um corredor e uma área de refeição. Em 2005 houve o processo de polarização em que a Escola Nossa Senhora de Fátima, passou a ser escola polo e suas anexas foram treze escolas, sendo seu primeiro diretor, o professor Manoel Rodrigues da Silva, tendo como primeiro secretário Joílson Brasil Mendes, no ano seguinte a professora Maria Silva de Almeida assumiu como professora responsável. Em 2008 e 2009 a escola foi regularizada e passou a expedir documentos.

Terminando o mandato do prefeito Olinaldo Barbosa, no final do ano de 2016, a escola teve novas mudanças: mudanças essa, onde a mesma deixou de ser escola polo. Hoje ela é anexa a Escola Maria da Silva Nunes que fica localizada na vila de Brasília legal.

Atualmente essa unidade escola conta apenas com um secretário, três professores e três auxiliares de serviço gerais. A mesma funciona em dois turnos, pela manhã com turmas multisséries de Educação Infantil ao 5º ano, e a tarde com as turmas do 6º ao 9º ano. Abaixo registro fotográfico dos funcionários da escola, professores e secretário, assim como a acadêmica que estava realizando a pesquisa, conforme figura 4.



Figura 4. Funcionários e Acadêmica na Escola Nossa Senhora de Fátima

Quanto à merenda escolar, é recebida como suplemento alimentar, contudo a merenda não é de uma boa qualidade, mas aos poucos está melhorando. Muitos alegam que esse problema acontece por causa da dificuldade de distribuição em locais distantes, visto que verduras, frutas e outros legumes contam com curto prazo de validade.

A escola também recebe recursos financeiros do PDDE, vale também destacar que não é o suficiente para suprir as necessidades, para isso conta com o apoio da prefeitura municipal de Aveiro e eventos realizados pela comunidade escolar, parceria que sempre deu certo e quando a prefeitura deixa a desejar a escola junto com seu corpo técnico e administrativo e discente sempre estão em ação em prol do bem de todos e nunca os deixam desmotivados. Em relação a projetos, a escola no momento não desenvolve nem um projeto visando a leitura e

escrita dos alunos. A figura 5 demonstra o transporte utilizado pelos alunos das escolas pesquisadas.



Figura 5. Transporte escolar das escolas pesquisadas

Esses são os veículos utilizados no transporte dos alunos, onde se vê um ônibus e uma D-20, veículos típicos de nossa região.

3.4 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

A coleta de dados e informações sobre o processo de letramento em classes multisseriadas é de grande relevância para conhecer as metodologias utilizadas pelos professores que atuam em escolas rurais. Iniciando a conversa com os entrevistados de duas escolas localizadas na área rural do município de Aveiro, estado do Pará, foi perguntado na questão 1: **Qual sua opinião sobre a classe multisseriada?** No quadro 1 podem ser observados os relatos dos entrevistados.

Quadro 1. Opinião sobre a classe multisseriada.

Esc.	Entrev.	Opiniões dos professores
A	P ₁	<i>Na minha opinião a classe multisseriada considerado muito problemático, por uma vez que, seria difícil trabalhar com várias séries, além disso, resultado desse processo pode se traduzir numa aprendizagem deficiente.</i>
	P ₂	<i>A forma de trabalhar é totalmente diferente quando se tem uma única turma, pois o professor precisa ter várias metodologias de ensino para essas turmas, no entanto temos mais necessidade de materiais didáticos para os alunos.</i>

	P₃	<i>Acredito ineficiente, para atender a diversidade no que se refere a aprendizagem de cada série. Para se obter melhor resultado é necessário que as escolas considerem a carga horária de 200 dia letivos. Para cada série escolar.</i>
B	P₁	<i>Sabe-se que é muito difícil trabalhar com classe multisseriada, mas em muitas escolas não tem alunos suficientes para formar turmas separadas. Então temos que ser estratégicos e tentar fazer um bom trabalho.</i>
	P₂	<i>Minha opinião é que todas as classes multisseriadas vão encontrar dificuldades mais lá na frente, pois nem todos alcançam o propósito ensinado.</i>
	P₃	<i>As classes multisseriadas são uma forma de organização de ensino no qual o professor trabalhar na mesma sala de aula, com várias séries do ensino fundamental, tendo de atender alunos com idade e nível de conhecimentos diferentes.</i>

De acordo com as respostas obtidas percebe-se que os professores veem a classe multissérie como um grande desafio para o educador, pois conforme as respostas, é muito difícil trabalhar com essas classes. A educação do campo está diante de um desafio, não mais um desafio de assegurar o direito a educação, “mas o desafio do fazer com que a escola abra as portas para o saber do povo do campo, um tipo de saber historicamente foi negado enquanto saber”. (FREITAS, 2002, p. 03).

Diante do exposto, o professor que atua nesta realidade ainda enfrenta muitas dificuldades que precisam ser superadas sejam elas de cunho pessoal, profissional, didáticos ou administrativos. Nesse sentido, o docente precisa ser valorizado não apenas no sentido de remuneração, mas principalmente entendê-lo que se trata de um ser social e que diariamente está ajudando a construir sujeitos transformadores e construtores de mudanças, capazes de influir na sua própria realidade e no meio social.

Assim, é necessário que a este seja dado oportunidades para que ele possa mudar sua postura frente às inúmeras problemáticas encontradas nas escolas multissérie. Diante disso é importante que o docente esteja em constante aperfeiçoamento mediante cursos de capacitação e formação continuada, superando assim as técnicas e estratégias do passado estando aberto a novas possibilidades de aprendizagens para melhoria e conquista de sua profissionalização. Nesse contexto fez-se necessário a questão **2: Como você conceitua letramento? Há diferença de alfabetização?** As respostas os entrevistados estão no quadro 2.

Quadro 2. Como você conceitua letramento?

Esc.	Entrev.	Opiniões dos professores
A	P ₁	<i>Letramento é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever e acontece dentro de um contexto social e que essa aprendizagem faça parte da vida dos alunos efetivamente. Já a alfabetização é aquele processo inicial onde as crianças são submetidas, no primeiro contato, com as letras. Aprendem a utilizar o alfabeto e compreender seu significado.</i>
	P ₂	<i>Conceituo letramento como saber escrever e a ler pequenos textos, e alfabetização é colocado também nesse mesmo contexto.</i>
	P ₃	<i>Letramento é o processo de desenvolvimento do educando de maneira decodificada. Diante desta afirmação é necessário entender que não há diferença entre o letramento e alfabetização que é embebido no contexto de leituras ricas, e vareados processo de ensino aprendizagem.</i>
B	P ₁	<i>Letramento acontece do resultado de aprender a ler e escrever. Alfabetização é leitura e escrita sem contextualização.</i>
	P ₂	<i>Letramento é quando o indivíduo sabe ler e escrever e ao mesmo tempo sabe as demandas sociais. E alfabetização ele só sabe ler e escrever, não sabe contextualizar.</i>
	P ₃	<i>Alfabetização e letramento é a mesma coisa. Um processo de aprendizado e desenvolvimento deste aprendizado.</i>

Ao analisar as respostas dos professores percebe-se que alguns deles sabem conceituar a forma de letramento, porém viu-se nos questionamentos que outros ainda demonstram dúvidas em relação a esse termo, dando a entender que não tem conhecimento ainda sobre a função do letramento.

Portanto sabe-se que entender o processo de letramento não é uma tarefa fácil, pois tem sido alvo de muitos estudos e questionamentos. Kleiman (1995, p. 19), define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contexto específico para objetivos específicos. O fenômeno do letramento, então vai além do mundo da escrita”.

Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupos de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. O processo de letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social.

Continuando a entrevista com os professores das escolas do campo perguntou-se na questão **3: Você tem dificuldades em trabalhar o letramento com turmas multisseriadas?** Os professores foram unânimes em destacar que têm dificuldades em trabalhar o letramento em classes multisseriadas. Segundo eles, são poucas as formações focadas na alfabetização e a falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos e o alto índice de indisciplina na sala de aula. Também foi

destacado por eles a ineficiência de tempo para atender as diversas dificuldades apresentadas em cada série, além disso, falar em classe multisseriadas já é um desafio para os professores, porque não é fácil tomar conta de várias turmas juntas, ao mesmo tempo.

Percebe-se que trabalhar com classes multisseriadas não se limita apenas ao trabalho com mais de duas turmas, ao contrário, vai além, pois representa desafios a serem superados no dia-a-dia.

Por outro lado, precisa-se de políticas adequadas para o campo que possa valorizar o trabalho do professor que atua nestas classes. Diante de tantas dificuldades encontradas com relação ao trabalho desenvolvido pelos professores, percebe-se a gratidão deles quando seus alunos conseguem avançar, fazendo com que a escola alcance os objetivos propostos. Como ressalta Hage e Barros (2005, p. 152) em relação às classes multisseriadas:

As situações que vivenciam os sujeitos do campo para garantir o acesso e a qualidade da educação nas escolas multisseriadas, em grande medida estão diretamente relacionadas à política educacional e curricular das escolas do campo em seus municípios e regiões, situação que envolve fortes repercussões sobre o sucesso e o fracasso escolar desses sujeitos do campo, expresso nas taxas elevadas de distorção idade-série, de reprovação e de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita, comprometendo a qualidade do processo educacional ofertado por essas escolas.

Diante do exposto, reclama-se para que as políticas públicas em prol da Educação do Campo possa se solidificar, ganhar espaço e forma, para que o ensino do campo não seja mais ignorado, marginalizado. Precisa-se fazer com que essa modalidade seja reconhecida pelos que nos representam em uma esfera maior e assim elaborar Leis que possam de fato fazer valer esse direito dos cidadãos campestinos.

Nesse contexto fez-se necessário a questão 4: **Em sua opinião, apenas conhecer letras e sílabas, é suficiente para formar alunos letrados?** No quadro 3 os professores expõem suas opiniões.

Quadro 3. Apenas conhecer letras e sílabas, é suficiente para formar alunos letrados?

Esc.	Entrev.	Opiniões dos professores
A	P ₁	<i>Não. A prática mais frequente em nossas vidas para formarmos alunos letrados é por meio da prática da leitura. Para desenvolver essa eficiência, o professor deve proporcionar ao aluno oportunidades de experimentar o universo da leitura e descobrir o quanto é amplo e diversificado.</i>
	P ₂	<i>Não, pois é necessária pequena interpretação textual e intelectual.</i>
	P ₃	<i>Alfabetização pautada no letramento não se limita apenas conhecer letras e sílabas e sim, na compreensão do contexto.</i>
B	P ₁	<i>Em minha opinião, não, pois, o aluno tem que saber ler e escrever muito bem para ser um aluno letrado.</i>
	P ₂	<i>Isso já é o bastante, pois é mais fácil por ele ser letrado.</i>
	P ₃	<i>Não, pois o mesmo tem que saber realmente a leitura e a escrita dentro do seu conhecimento onde aprender é uma chave importante na sua vida.</i>

Pode-se concluir com bases nas respostas obtidas que a maioria dos professores das escolas pesquisadas afirma que apenas conhecer letras e sílabas não é suficiente para formar alunos letrados, segundo eles é necessário que se tenha uma compreensão do contexto a ser abordado. Porém um dos professores afirma que conhecer letras e sílabas já é o bastante segundo ele, o aluno com isso já pode se considerar letrado.

Segundo as ideias de Soares (2006) e Freire (1991), sobre conhecer letra e sílabas, para entrar e viver nesse mundo do conhecimento, o aprendiz necessita do domínio do sistema alfabético e ortográfico e o domínio do uso, saber ler e escrever em diferentes situações e contextos, o que se obtém por meio do processo do letramento. Ou seja, não é suficiente dominar a escrita como instrumento tecnológico, é preciso considerar inserção do aprendiz no mundo da escrita.

Sabe-se que o ato de ler está muito além do simples ato de decodificar letras, ler é preciso transcender o ensino didático mecanizado. A leitura está ligada à ética, ao compromisso e humanização, onde todos possam estar envolvidos na educação, seja dentro da própria família ou na escola.

Sendo assim deu-se prosseguimento com a questão 5: **Em sua sala de aula, quais os principais desafios no processo de alfabetização e letramento?** No gráfico 1 os professores destacam os desafios no processo da alfabetização e letramento.

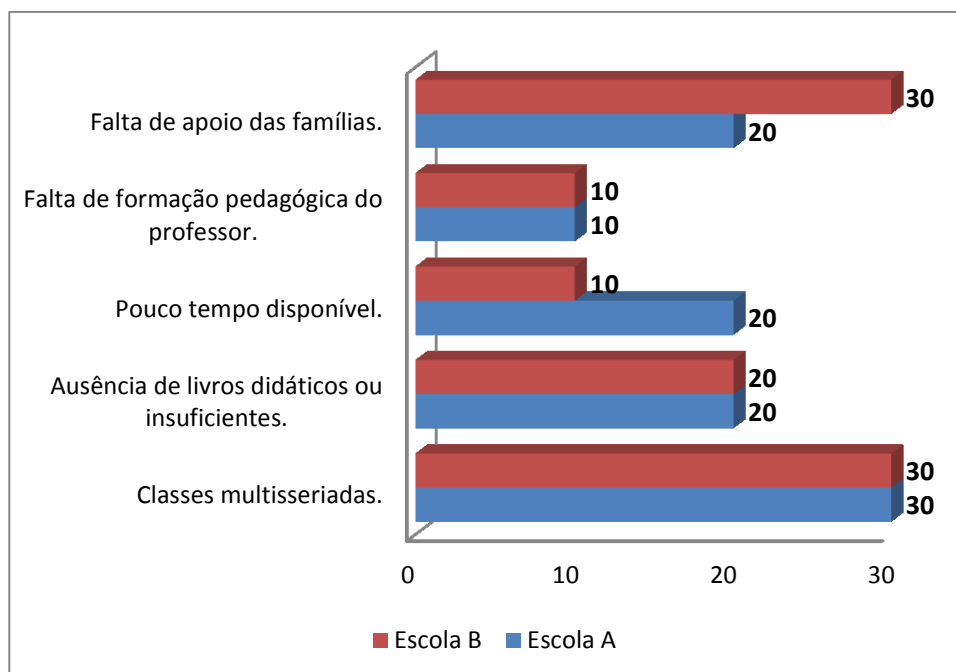


Gráfico 1. Dificuldade em trabalhar o letramento com turmas multisseriadas.

Observou-se que 30% dos professores de ambas escolas possuem dificuldades no processo de alfabetização e letramento em classes multisseriadas. Outro ponto destacado foi turmas com muitos alunos e falta de apoio da família. Um acompanhamento familiar são uns dos problemas que, mas dificultam no trabalho com os alunos, pois a escola não tem uma estrutura adequada para receber esses alunos o acompanhamento familiar ainda é um dos fatores que sempre está presente no dia-dia, ainda existem pais que esquecem o seu compromisso de cuidar e educar. Sabe-se que a escola é um complemento educacional e a família é a base para o melhor desenvolvimento da criança.

Segundo os entrevistados, outros desafios são: pouco tempo disponível, para atender as diversas turmas ao mesmo tempo, a ausência de livros didáticos; a falta de curso de capacitação. Como foi relatada essa carência na fala dos professores, pois sabemos que para atuar com turmas multisseriadas, o material didático é indispensável para que se possa realizar um bom trabalho, mas independente desse recurso os educadores se esforçam o máximo para realização de suas atividades escolares, pois trabalhar com multissérie exige muito cuidado e zelo e compromisso, conforme figuras 6 e 7 das escolas pesquisadas.



Figura 6. Docência na Escola Vista Alegre



Figura 7. Docência na Escola N. S. de Fátima

Para desenvolver melhor a alfabetização e o letramento em sala de aula, o profissional da educação precisa buscar novos métodos que favoreçam o desenvolvimento integral dos alunos. Assim o trabalho com projetos vem ajudando os professores a descobrirem as dificuldades da criança, proporcionando a elas atividades diversificadas, nesse sentido deu-se início a questão **6: Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?** No quadro 4 se obteve as seguintes respostas.

Quadro 4. Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita dos alunos?

Escola	Entrev.	Opiniões dos professores
A	P ₁	<i>Mediante as dificuldades em leitura e escrita encontrados na sala de aula procuro sempre buscar novas metodologias, para vencer as dificuldades.</i>
	P ₂	<i>Colocando deveres extraclasse, juntamente com produção textual e momentos de leitura em classe e ajuda familiar.</i>
	P ₃	<i>Geralmente apresento materiais e recursos didáticos que sejam atraentes para os alunos como: jogos, livros coloridos, com textos pequeno, etc.</i>
B	P ₁	<i>Nesse aspecto precisamos fazer com que esses alunos possam aprender a ler e escrever, temos que ajudar esses alunos.</i>
	P ₂	<i>Procuro recursos para melhorar o aprendizado do meu alunado.</i>
	P ₃	<i>As dificuldades são muitas, mas nós com educadores temos que fazer melhor para que os nossos alunos possam desenvolver na sala de aula.</i>

De acordo com o resultado obtido, os educadores procuram sempre buscar novas metodologias, para vencer as dificuldades em sala de aula, trabalham também com produção textual, colocando atividades extraclasse dentro e fora da sala de aula. Sabe-se que o corpo docente de uma escola deve promover projetos

de incentivo à leitura que possam envolver toda a escola. Dessa forma, todos os alunos de todos os anos poderão estar incluídos e sendo cada vez mais incentivados a lerem. Pois, o professor enquanto mediador deve provocar nos alunos a curiosidade, procurando encorajá-los e promovendo a criatividade e estimulando seu intelectual.

Este estudo ainda procurou saber na questão 7: **Quais os recursos e estratégias mais utilizados com sua turma?** O quadro 5 traz os instrumentos utilizados pelos professores no desenvolvimento de suas aulas.

Quadro 5. Quais os recursos e estratégias mais utilizados?

Escola	Entrev.	Opiniões dos professores
A	P ₁	<i>Os recursos mais utilizados são: livros da literatura infantil, jogos educativos. As estratégias são: realizar atividades, foco no sistema de escrita, desafiar os alunos a ler e a escrever por conta próprio, texto de complexidade adequada ao seu estágio de alfabetização.</i>
	P ₂	<i>Correções de texto produzido pelo aluno, leitura em sala de aula melhorando na ortografia.</i>
	P ₃	<i>É trabalhando com recursos que se adequam ao conhecimento do educando, para que tenha liberdade de construir pequenos textos, oral e escrito, por exemplo: recorte de figuras e textos simples para montagem.</i>
B	P ₁	<i>Os recursos são os livrinhos de conto, para leitura e o treino na escrita, para o aperfeiçoamento nesse processo.</i>
	P ₂	<i>O lúdico, é o mais utilizado, pois a criança gosta de brincar e ela aprende brincando.</i>
	P ₃	<i>O recurso é ensinar e fazer com que todos alunos tenham gosto pela leitura de maneira simples, dando a eles livros para ler em casa junto com a sua família.</i>

Mediante o exposto verifica-se que os recursos utilizados pelos professores são de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, os mesmos afirmam que utilizam livros de literatura infantil, jogos educativos, leitura em sala de aula, construção de textos e outros, como estratégias são realizadas atividades, desafiando os alunos a ler e a escrever por conta própria textos de complexidade adequada, fazendo com que todos os alunos tenham gosto pela leitura.

Observa-se as figuras 8 e 9 que demonstram aulas ministradas pelos professores das escolas rurais com turmas multisseriadas.



Figura 8. Leitura individual - Escola Vista Alegre



Figura 9. Leitura em voz alta - E. N. S. de Fátima

Por isso a necessidade de recursos e estratégias incentivadoras voltadas para o desenvolvimento da leitura. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontem, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendem isso na escola.

Principalmente quando os alunos não têm contatos sistemáticos com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participarem de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitores eficazes. Cabe as instituições escolares proporcionar aos alunos diversos materiais de apoio que possam desfrutar e avançar com eficácia o seu desenvolvimento na leitura. (BRASIL, 1998, p.12).

Para que a escola possa realizar um trabalho eficaz é importante que a mesma leve em consideração o aprendizado de cada aluno, pois sabe-se que os educandos possuem determinado conhecimento. Partindo desse entendimento, a instituição escolar pode utilizar como instrumento pedagógico o conhecimento que os alunos possuem que podem ser eficientes para o avanço das habilidades com a leitura.

Dessa forma ocorreu a questão 8: **Você participa de curso/capacitação para o letramento?** O gráfico 3 demonstra o resultado em que a metade 50% dos professores tiveram uma resposta positiva.

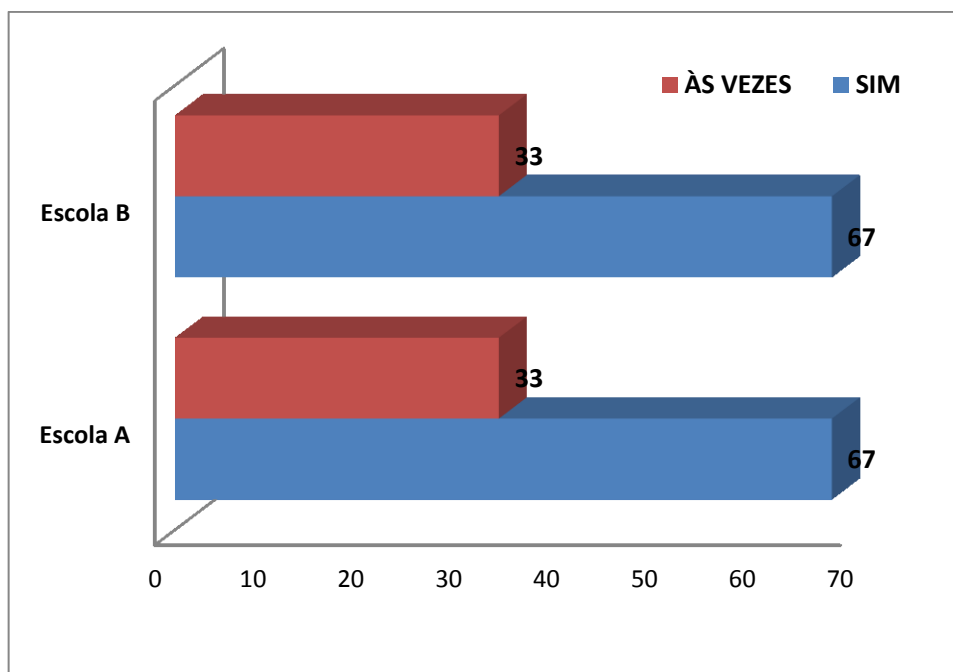


Gráfico 3. Você participa dos cursos/capacitação para o letramento?

Conforme os dados apresentados, a maioria dos professores das duas escolas participam dos cursos de capacitação para o letramento, pois segundo eles, esses cursos melhoram ainda mais a prática metodológica do professor dentro e fora da sala de aula, foi relatado também por eles que o PNAIC, trouxe um grande contribuições para a alfabetização.

O PNAIC é o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, é um acordo formal assumido pelo governo federal, estados, municípios e entidades para afirmar o compromisso de alfabetizar crianças até no máximo oito anos de idade, ao final do ciclo de alfabetização. Uma parcela dos professores afirma que participa somente às vezes, conformes eles, a falta de comunicação entre professores e gestores ainda prevalece nessa região.

[...] não é o único que atua na escola e o que faz é para si, e já que presta um serviço a comunidade. Além disso, um sujeito isolado, lutando por ideias não vai muito longe. [...] Na medida em que possibilita a unidade entre sujeito da ação e o da reflexão, este espaço é revolucionário. Devemos nos empenhar para consegui-lo, pois desta forma há condições para se criar uma escola uma nova pratica pedagógica e um novo relacionamento. (VASCONCELLOS, 2009, p. 120).

Sabe-se que os cursos de capacitação são de fundamental importância para o desenvolvimento do educador, possibilitando a ele novos horizontes. Criando uma nova postura educativa, pois o trabalho do professor tem uma dimensão coletiva, e

sobre esse contexto tornou-se relevante perguntar aos professores na questão **9: Na sua opinião, as formações têm contribuído para melhorar a sua prática**. O quadro 6 traz as opiniões dos entrevistados.

Quadro 6. As formações têm contribuído para melhorar a sua prática?

Escola	Entrev.	Opiniões dos professores
A	P ₁	<i>Sim. O educador que está sempre em busca de uma formação continua bem como a evolução de suas competências, tende a ampliar o seu trabalho, no entanto, as formações tem contribuído muito para melhorar minha prática.</i>
	P ₂	<i>Sim, pois a formação, dá total segurança de como o professor pode trabalhar com aluno, logo, sem essa formação o aprendizado do aluno ficará reduzido e sem rumo.</i>
	P ₃	<i>Pode-se afirmar que a troca de experiências é indispensável, para que ocorra melhoramento no ensino e aprendizagem.</i>
B	P ₁	<i>Sim, contribui muito com certeza.</i>
	P ₂	<i>Quando participo sim.</i>
	P ₃	<i>Sim, tem contribuído muito pois se não tivesse essa formação se tornaria muito difícil os nossos trabalhos.</i>

Segundo os professores, as formações têm sim contribuído muito para melhorar suas práticas enquanto educador. Portanto, quando se fala em formações, os professores sempre retornam a ideia de formação continuada oferecida pelo setor responsável. Porém, é necessário que o processo de formação esteja voltado para a prática social, abrangendo uma reflexão contínua e coerente, de acordo com a prática que se pretende exercer.

Nesse sentido, não se deve esperar somente pelas oportunidades oferecidas pelo município e sim buscar nas instituições de ensino, cursos que aprimorem seus conhecimentos e conseqüentemente suas práticas metodológicas, o que refletirá numa melhor qualidade de atuação docente.

Os profissionais da educação veem a importância da formação continuada como consequência da constatação de que o campo educacional é muito dinâmico, requerendo que os educadores lidem constantemente com novos conhecimentos a respeito do processo de ensino-aprendizagem. Essa situação requer, assim que a base conceitual e as habilidades pedagógicas dos professores sejam constantemente expandidas, de modo que consigam atender as novas demandas que a profissão apresenta-lhes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como foco central compreender a prática do letramento nas classes multisseriadas, que por década é vista como um nó na educação. Percebe-se que tudo que já foi feito ainda é pouco, e que já tanta teoria e discussão não foram suficientes para mudar os resultados. Na construção deste estudo notou-se, que as classes multisseriadas assim como os professores, sofrem um grande descaso por parte dos gestores públicos, onde as escolas possuem uma estrutura de péssima qualidade e os professores não são bem remunerados. Por isso, alguns professores não realizam um bom trabalho, deixam a desejar e contribuem para uma educação de qualidade prejudicando os alunos.

Dessa forma, percebe-se a grande dificuldade para conciliar classes com múltiplas séries e idades diferentes em uma única sala. Essa é uma tarefa muito difícil para apenas um professor, o qual precisa dar conta de tantas crianças ao mesmo tempo, então como encontrar um tempo para dedicar à leitura? Esses problemas implicam também na cultura local onde funcionam as classes multisseriadas, onde se tem um currículo voltado para trabalhar a cultura que é específica da zona rural.

Por fim, este estudo refletiu sobre a prática do letramento com turmas de multissérie, a qual requer um empenho particular e dedicação, geralmente os professores são de outras localidades, os quais não dão muita ênfase na cultura local. Por isso, os docentes da zona rural poderiam ser pessoas da própria localidade e que fossem formados, que saibam das necessidades da comunidade onde a escola está inserida.

As metodologias mais utilizadas pelos professores para trabalhar o letramento nas turmas multisseriadas são livros de literatura infantil, jogos educativos, leitura em sala de aula, construção de textos e outras estratégias como atividades diferenciadas com músicas e dramatização.

Um dos maiores desafios dos professores das escolas do campo está em trabalhar o processo de alfabetização e letramento em classes multisseriadas. E ainda outros desafios são presentes, como a falta de apoio das famílias, o pouco tempo disponível para atender os alunos de séries diferentes e a ausência de livros didáticos.

Enfim, espera-se que se tenha mais compromisso com as escolas do campo, que as classes multisseriadas sejam mais valorizadas, que se tenham professores qualificados. Portanto, este trabalho mostrou a realidade das classes multisseriadas, o qual serviu para que se fizesse uma reflexão a respeito das inúmeras dificuldades que os professores enfrentam para trabalhar principalmente o letramento nessas turmas.

BIBLIOGRAFIA

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores**. Porto Alegre; Editora Pr.

BARBATO, Silviane. **Integração de 6 anos ao ensino fundamental**. São Paulo. Parábola editorial, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: currículo inclusivo: o direito de ser alfabetizado**: Ano 3: unidade 1. Brasília: MEC. SEB. 2012.

BRITO, Luis Percival Lemo. Letramento e Alfabetização: implicações para a Educação Infantil. In: FARIA , Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral (orgs). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

CAGLIARI, Gladys; Luiz Carlos. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado das letras: ALB, 1998.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortes, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Sala de aula é lugar de brincar?** Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/texto_sala_de_aula.pdf. 2013. Acesso em 10.10.2017.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizador letrando: da oralidade a escrita**. Eglê Franchi. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia - saberes Necessários a uma prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAGE, Salomão Mufarrej (Org.) – **Educação do campo na Amazônia paraense: Retratos de realidades de escolas Multisseriadas no Pará**. Gráfica e Editora Gutenberg Ltda., Belém: 2005.

HAGE, Salomão Mufarrej. **A realidade das escolas multisseriadas frente às conquistas na Legislação Educacional**. Anais da 29ª reunião anual da ANPED: Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos manifestos: Caxambu, ANPED, 2006.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca I. Pereira; MARTINS, Raquel M. Fontes, Orgs. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2ª. Ed. BH, Autêntica, Editora: Ceale, 2009.

RINALDI, Carlina. Reggio Emília: **a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental**. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Org.). *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de educação. Belo Horizonte. Jan/Fev/Mar/Abr, n. 25. 2004.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2001.

TFOUNI, L. V. **Adultos não Alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1998.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

FACULDADE DE ITAITUBA

ACADÊMICA: **ELENILDA SILVA DE ALMEIDA**

TEMA: **LETRAMENTO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: Análise das práticas dos professores de duas escolas do campo, município de Aveiro/PA.**

Identificação:

Nível de formação/Curso: _____

Tempo de trabalho na educação do campo: _____ anos.

Ano/série e nº de alunos da turma em que atua: _____

Questões da prática:

1. Qual sua opinião sobre a **classe multisseriada**?

2. Como você conceitua **Letramento**? Há diferença de **Alfabetização**?

3. Você tem dificuldades em trabalhar o letramento com turmas multisseriadas?

() Sim () Não () Em parte

Justifique:

4. Em sua opinião, apenas conhecer letras e sílabas, é suficiente para formar alunos letrados?

5. Em sua sala de aula, quais os principais desafios no processo de alfabetização e letramento? Assinale mais de uma alternativa, caso necessário.

- () Classes multisseriadas.
- () Ausência de livros didáticos ou insuficientes.
- () Insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los.
- () Pouco tempo disponível, pois temos outros conteúdos para trabalhar.
- () Falta de formação pedagógica do professor.
- () Turma com muitos alunos.
- () Falta de apoio das famílias.
- () Outras: _____

6. Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?

7. Quais os recursos e estratégias mais utilizados com sua turma no processo de letramento?

8. Você participa dos Cursos/Capacitação para o letramento?

- () Sim () Não () Às vezes

Comente:

9. Na sua opinião, as formações têm contribuído para melhorar a sua prática?

Agradecemos sua colaboração nesta pesquisa!